



**FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA - RATIO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

MARIA BEATRIZ BARROS LIMA

**ARTE DE RUA: As percepções dos artistas de rua do Grupo
Garajal acerca do trabalho com arte no Município de Maracanaú -
CE.**

FORTALEZA - CE
2018

MARIA BEATRIZ BARROS LIMA

ARTE DE RUA: As percepções dos artistas de rua do Grupo Garajal acerca do trabalho com arte no Município de Maracanaú - CE.

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes.

FORTALEZA - CE
2018

MARIA BEATRIZ BARROS LIMA

ARTE DE RUA: A percepção dos artistas de Rua do Grupo Garajal acerca do trabalho com arte no Município de Maracanaú - CE.

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social. Orientadora: Prof.^a. Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes (Orientadora)
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

Prof.^a. Ms. Aline de Araújo Martins
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

Prof.^a Esp. Francisca Emanuella Saraiva Martins
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

À Deus.

Aos meus pais, amigos, familiares e aos
artistas de rua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar comigo em todos os momentos, me dando sustento e discernimento, por ser meu guia e pai fiel nos momentos difíceis. A ele a glória, a força e o poder!

Aos meus pais, Jocileyde Queiroz e Tadeu Queiroz pelo apoio financeiro, por custear esse sonho tão almejado, meus sinceros agradecimentos. Amo vocês!

Ao meu primeiro amor, do qual costumo chamar de vó Zuleide que depositou anos da sua vida para cuidar, educar e preparar-me para o mundo, minhas conquistas também são suas!

Meu especial agradecimento vai para meus dois grandes amigos (as) que a graduação me deu, Ageu Dias e Mariana Santana. Estiveram comigo em todos os momentos, me dando apoio e incentivo, sem vocês eu tenho certeza de que teria sido bem mais difícil à caminhada, mais que amigos a vida tornou vocês para mim! Obrigada por tudo.

Ao meu querido amigo Darley Fernandes, que acompanhou todo o processo e me incentivou, esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, não tenho palavras para tamanho agradecimento.

A minha grande amiga, Bruna Gomes da qual considero irmã, me acompanhou e incentivou em todo o processo, essa conquista também é sua, meu muito obrigada, te amo!

As minhas amigas, Miliane Pinheiro, Larissa Duarte e Mayra Lima pela amizade contruída e por todo apoio e companheirismo ao longo da caminhada.

Aos meus demais amigos e familiares, que sempre torceram e acreditaram no meu potencial, que entenderam os momentos de ausência e emanaram energias positivas ao longo de todo o processo, não tenho palavras para descrever tamanha gratidão.

Um enorme e especial agradecimento a minha querida professora e amiga, Kelly Maria Menezes, que sempre me inspirou como profissional, como docente, obrigada por sempre acreditar em mim e ser uma das maiores apoiadoras desse sonho. Você foi um presente que a vida me deu.

Agradeço de forma singular e muito honrada, a minha querida orientadora Virzângela Paula Sandy Mendes, pelas ricas contribuições ao meu tema de pesquisa, pela confiança transmitida nas orientações, sempre afirmando que tudo daria certo, por toda paciência e dedicação, das quais levarei comigo!

Meus singelos agradecimentos ao Instituto Garajal de Arte Cultura Popular, por terem me acolhido enquanto pesquisadora, e contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a todos os professores que contribuíram em todo o processo de formação, que fomentaram e despertaram pensamentos e ideias, dos quais carrego hoje em minha caminhada, tendo a certeza que vocês em primeira instância se tornaram grandes influenciadores do que hoje sou.

Por fim e não menos importante, meu agradecimento mais que especial ao meu sobrinho Benício, que apesar de tão pequeno tem me ensinado tanta coisa, depois de sua chegada, a vida se tornou mais colorida, mais alegre e preenchida. Você meu sobrinho que tanto amo foi um dos maiores apoiadores para que esse processo se concretizar de maneira leve e cheia de gratidão. Meu muito obrigada. Amo-te, meu amor.

A arte é a mentira que nos permite
conhecer a verdade.

(Pablo Picasso).

RESUMO

O trabalho do artista de rua tem se expandido e se colocado em uma postura de autenticidade em meio às metamorfoses do capital, trazendo para as relações sociais a essência do trabalho para o ser humano, enquanto ser genérico. Dentro dessa perspectiva, a presente pesquisa tem como principal objetivo compreender as percepções dos artistas de rua do Grupo Garajal acerca do seu trabalho com arte no município de Maracanaú, Estado do Ceará. Em complemento desta análise propomos especificamente identificar o perfil biográfico dos artistas de rua, observando quais as formas de expressão por parte desses sujeitos participantes na busca por valorização e aceitação do seu trabalho, explicitando também os significados de trabalho e arte na visão dos artistas pesquisados. Dentro desta mesma perspectiva tivemos o uso de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico. A inserção ao campo trouxe contextos únicos e enriquecedores em relação a este ofício, por tratarem de vivências, lutas e conquistas tanto pessoais como do próprio grupo artístico. Com isso a pesquisa conseguiu obter resultados significativos em relação ao artista de rua, seu trabalho e modo de subsistência em meio a sociedade capitalista e a importância do teatro e da rua enquanto palco para encenação. Através dos relatos foi possível perceber que, para os integrantes do grupo, a arte é considerada como um trabalho, uma vez que consegue atender as demandas financeiras mesmo em meio às dificuldades, como também usa de todas as potencialidades da natureza humana.

Palavras-chave: Artista de rua. Trabalho. Arte. Juventude.

ABSTRACT

The work of the street artist has expanded and placed itself in a posture of authenticity amid the metamorphoses of capital, bringing to social relations the essence of work for the human being, while being generic. Therefore, the present research has as main objective to understand the perceptions of the street artists of the Garajal Group about their work with art in the city of Maracanaú, state of Ceará. In addition to this analysis, we propose specifically to identify the biographical profile of the street artists, observing the forms of expression by these subjects participating in the search for appreciation and acceptance of their work, also explaining the meanings of work and art in the artists' view researched. Within this same perspective, we had the use of a qualitative, bibliographical approach. The trip to the countryside brought unique and enriching contexts in relation to this job because they deal with experiences, struggles, achievements both personal and artistic group. In this way the research was able to obtain significant results in relation to that of the street artist, his work and way of subsistence in the middle of capitalist society and the importance of the theatre and the street as the stage for staging. Through the reports, it was possible to perceive that for the members of the group, art is considered as a work, once it can meet financial demands even in the midst of difficulties, but also uses all the potentialities of human nature.

Keywords: Street artist. Job. Art. Youth.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Palco aberto "O bom que acaba bem"..... | 24 |
| Figura 2 – Peça teatral "Fachada da Sede do Grupo Garajal" | 30 |
| Figura 3 – Espetáculo "Carolina"..... | 30 |
| Figura 4 – Encenação nas ruas: "Circo Alegria" | 31 |
| Figura 5 – Encenação nas ruas: "Romeu e Julieta" | 32 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Principais características dos artistas..... | 27 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNB - Centro Cultural Banco do Nordeste

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NAEC - Núcleo de Arte, Educação e Cultura

PROARES - Programa de Apoio às Reformas Sociais do Ceará

SATED – CE - Sindicato dos artistas e técnicos em espetáculos de diversão do Estado do Ceará

TEMA - Associação Teatral de Maracanaú

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. PERCUSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 21 |
| 2.1. Aproximação com o objeto | 21 |
| 2.2. A inserção em campo e os sujeitos da pesquisa | 22 |
| 2.3. Apresentação em lócus da pesquisa: Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular e sua história | 28 |
| 3. JUVENTUDE E ARTE: O TEATRO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA REALIDADE SOCIAL | 33 |
| 3.1. Uma breve discussão conceitual sobre juventude | 33 |
| 3.2. Um reflexo sobre a visão dos artistas de rua do Grupo Garajal referente ao seu trabalho com arte nas Ruas de Maracanaú-CE | 35 |
| 4. AS EXPRESSÕES DO TRABALHO COM ARTE NO MUNDO DO CAPITAL | 40 |
| 4.1. Análises sobre a categoria trabalho | 40 |
| 4.2. A arte como trabalho na sociabilidade do Capital | 45 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS | 52 |
| APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 55 |
| ANEXOS | 56 |

1. INTRODUÇÃO

De acordo com uma análise marxista, o trabalho é um processo pelo o qual o homem age sobre a natureza, como forma de garantir as suas necessidades básicas, criar o novo e, novas possibilidades, modificar o meio e a si mesmo, pressupõe o trabalho sob a forma exclusivamente humana. No entanto, o trabalho nos ditames capitalistas se difere dessa condição instintiva de trabalho, em que o homem para garantir as suas necessidades, precisa vender a sua força de trabalho ao capitalista, no qual é detentor dos meios de produção e supervaloriza o capital em detrimento ao humano.

No mundo do capital, podem-se perceber cada vez mais intensas as substituições do trabalho vivo pelo trabalho morto, o que acaba por sua vez propondo precarizações sob as formas de atuação da atividade humana sobre o trabalho, como também fomentando o desemprego e gerando novas formas de ofício, impondo ao trabalhador condições defasadas e exploradas de emprego. Cabe salientar que, a precarização do trabalho no capitalismo se amplia a própria precarização do ser que trabalha, na desestruturação do ser como ser genérico; portanto, na desumanização do próprio homem. Assim:

A precarização do trabalho que ocorre hoje, sob o capitalismo global, seria não apenas “precarização do trabalho” no sentido de precarização da mera força de trabalho como mercadoria; mas seria também, “precarização do homem que trabalha”, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico. (ALVES, 2010)

O mercado informal tem-se mostrado cada vez mais intenso, uma vez que, o trabalhador consegue através deste meio driblar a crise do dito emprego formal, e com isso, enfrentar a crise econômica tão crescente no país.

Segundo o IBGE (2011)¹, cerca de 44,2 milhões de pessoas trabalham informalmente no país, em torno de 22% do total da população brasileira estimada em 193 milhões de pessoas. Ainda segundo o instituto, as regiões Norte e Nordeste apresentam as menores taxas de formalidade no país, de 37% a 38%, respectivamente.

As metamorfoses do capitalismo contemporâneo têm intensificado as mudanças no mundo do trabalho, que possuindo estratégias em favorecimento do

¹ Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/>>.

capital, acaba por aumentar o trabalho vivo e, em consequência disso, o aumento da produção em curto espaço de tempo, e é a partir disso que se percebe a exploração sob o trabalho vivo, onde que o trabalhador para garantir a sua existência precisa se subordinar a salários degradantes, a empregos precários, e direitos trabalhistas reduzidos. Nesse sentido:

Como o Capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de mercadorias sejam elas materiais ou imateriais, ele deve, além da incrementar sem limites o trabalho morto corporificado no maquinário tecno- científico, aumentar a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobre trabalho em tempo cada vez mais reduzido. [...]. (ANTUNES, 2009, p. 204)

A flexibilização do Capital na era contemporânea, tem transformado as formas de atuação da classe trabalhadora, em que boa parte dessa camada popular, tem se tornado indiretamente improdutivo de mais-valia, não participantes de forma direta da produção de valor. É perceptível que se tem crescido o proletariado fabril, os tidos como terceirizados, subcontratados, que por sua vez, o meio de trabalho está cada vez mais informatizado. Essas mutações têm criado uma massa de trabalhadores que executam os seus serviços no meio doméstico, e com isso, acaba por complexificar a classe que vive da sua força de trabalho. Dentro dessa perspectiva:

Tem sido uma tendência frequente a redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada. [...] a flexibilização e a desconcentração (e muitas vezes desterritorialização) do espaço físico produtivo. Ou ainda motivado pela introdução da máquina informatiza [...]. Bem como a introdução de novas formas de “trabalho doméstico”), [...]. (ANTUNES, RICARDO, 2009, p. 104)

Dentro desse contexto, a pesquisa teve como objetivo: compreender as percepções dos artistas em relação ao trabalho com arte na rua e o modo como ambas se expressam, diante das interações antagônicas permeadas no mundo do trabalho e as suas diversas formas de resistência à subordinação do trabalho ao capital.

O trabalho artístico, por não se enquadrar nas formalidades de empregos com padrões que alimentam o capital e geram mais-valia, perpassa por visões alimentadas de preconceitos e estereótipos; no entanto, é possível analisar a arte de rua como um trabalho e o artista como trabalhador, uma vez que o mesmo usa de

habilidades próprias e subjetivas para garantir sua subsistência. Segundo Leal (2011), “É livre a manifestação do pensamento. Livre é o exercício de qualquer trabalho. É livre a expressão de qualquer atividade artística, intelectual, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”. Diante do exposto, Azevedo Júnior (2007, p. 6), define a arte como:

Conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação.

O cenário apresentado nos levou a abordar como objetivo geral do estudo, compreender as percepções dos artistas de rua do Grupo Garajal acerca do trabalho com arte no Município de Maracanaú-Ce. Além disso, complementando essa análise, estabelecemos como objetivos específicos: identificar o perfil biográfico dos artistas de rua do Grupo Garajal do Município de Maracanaú-CE; descrever quais as formas de expressão por parte desses sujeitos participantes do Grupo Garajal, na busca por valorização e aceitação do seu trabalho; e, explicitar os significados de trabalho e arte para os entrevistados do Grupo Garajal do Município de Maracanaú – CE.

Através desta pesquisa buscamos compreender quais as percepções dos artistas de rua acerca do seu trabalho com arte, por isso, a análise feita aos indivíduos teve grande relevância dentro desse processo e, a partir disso, o presente estudo se constituiu de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que o objeto em questão trata do universo de valores e significados. Segundo Minayo (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares, já que a mesma trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis.

Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida partindo-se dos conhecimentos disponíveis e da utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação científica. Portanto, vale ressaltar, que no desenvolver de todo o processo de estudo foi essencial um planejamento das ações que foram executadas. Gil (2010, p. 3), corrobora com tal ideia, citando que:

Como toda atividade racional e sistemática, a pesquisa exige que as ações desenvolvidas ao longo de seu processo sejam efetivamente planejadas. De modo geral, concebe-se o planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema e especificação de seus objetivos, a construção de hipóteses, a operacionalização dos conceitos etc.

Com isso, observa-se que esse processo de estudo contou com uma abordagem de natureza qualitativa, pois o interesse apresentado por essa pesquisa não diz respeito à quantidade, mas a subjetividade dos sujeitos participantes. Diante disso, Chizzotti (1991, p. 79), afirma que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. [...].

No mesmo contexto, nos propomos a um mergulho bibliográfico por inferir que é de suma importância trazer alguns autores que já trabalharam e investigaram o tema estudado. Severino (2007, p.122), demonstra que a pesquisa bibliográfica, “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. Nesse contexto, percebe-se que através dela conseguimos obter um embasamento teórico para futuras discussões sobre as categorias de análise da nossa pesquisa e coleta de dados para realização desse trabalho de conclusão de curso.

Para Gil (2010, p. 30), “[...] vantagens da pesquisa bibliográfica têm, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa”. Concluímos que por meio desse recurso bibliográfico, a primazia do processo de estudo foi abrangente, pois através dos recursos obtidos na instituição, como os dados, foram relevantes para o enriquecimento desta pesquisa.

De acordo com Gil (2010, p. 31), “a modalidade mais comum de documento é a constituída por um texto escrito em papel, mas estão se tornando cada vez mais frequentes os documentos eletrônicos, disponíveis sob os mais diversos formatos”. Com isso, realizamos diversos acessos a esse novo recurso eletrônico, a fim de desenvolver um excelente conteúdo ao articular nosso objeto de estudo com a teoria.

Ademais, o estudo coletou dados a partir da observação do meio estudado, com a nossa inserção em campo para a partir deste, vivenciar e conhecer melhor sobre o tema, pois entendemos que o olhar, a participação e as vivências no campo,

enriquece a pesquisa em seus mínimos detalhes. Assim, Severino (2007, p.100),
relata que:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

A pesquisa foi realizada no Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular, que fica localizado na Rua: 18 nº 119, Jereissati I, no Município de Maracanaú - CE², com o objetivo de contribuir e viabilizar o fortalecimento da cultura popular, sua memória e história é que surge o Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular. O grupo nasceu em 2003, durante os cursos de capacitação em Técnica Teatral, Montagem de Espetáculo e Artes Circenses promovidos por parcerias entre o Programa de Apoio às Reformas Sociais do Ceará (PROARES), Núcleo de Arte, Educação e Cultura (NAEC) e a Associação Teatral de Maracanaú (TEMA).

A partir desses projetos, jovens que participaram destas capacitações, sentiram necessidade de dar continuidade a esse trabalho, tendo o teatro como marco de partida, passaram a desenvolver técnicas como ferramentas de resgate da cultura popular, entre elas: o Teatro de Rua, Teatro de Bonecos, Percussão, Figurinos, Confecção de Máscaras culminando na figura do Palhaço, a principal característica do grupo.

Hoje, as ruas e praças de Maracanaú são invadidas pela alegria desses jovens de comunidades carentes que com suas Pernas de Pau, suas Acrobacias e Malabares, não deixam morrer a arte circense que por vezes vinculadas à educação, saúde e meio ambiente preservam e ajudam na conservação do patrimônio cultural e da cidadania do nosso povo. Mediante a isso, cabe citar alguns dos projetos que são executados pelo grupo, como: Teatro nos Pólos – Pólo de Convivência (Secretaria de Ação Social e Cidadania de Maracanaú) – Desde 2005; Prevenir com Arte (Secretaria de Saúde de Maracanaú) – Desde 2006; Na Rua da Criança – (Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza) – Desde 2007; Animador de Eventos/Juventude Cidadã (Secretaria do trabalho/ Ministério do Trabalho) – 2009; Animador Cultural – Nascer de Mateus na nossa Juventude (Secretaria de Cultura

²Informações colhidas no Site do Instituto Garajal; Disponível em: <<http://institutogarajal.blogspot.com.br/>>; Acessado em: 14 de março de 2018.

do Estado do Ceará) – 2009; Permeio – Na escola de Teatro Renasce uma Cidade – Ponto de Cultura (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará) – Convênio 2009; Encontro de Shakespeare e a Cultura Popular – Micro Projetos Mais Cultura - 2010³.

Desse modo, propomos estudar as questões citadas a partir das perspectivas do Grupo Garajal, o qual atua em um trabalho que tem como proposta contribuir no fortalecimento das raízes de arte popular, sua memória histórica, resgatar seus mestres, conscientizar culturalmente as pessoas a fim de manter acesa a chama da cultura popular, das artes cênicas, artes circenses, do folclore, para assim, preservar e ajudar a conservar o patrimônio cultural e histórico do povo.

Os trabalhos realizados pela instituição são: Teatro de Rua, acrobacia, palco italiano/arena, solos/aéreos, máscaras/adereços, pernas-de-pau, música, maquiagem Teatral, bonecos de Mamulengo e espuma, palhaço/*clown*⁴, cenários e artes plásticas. O Grupo Garajal consciente de seu papel na cultura realiza estudos e pesquisas, tendo por objetivo defender e preservar o desenvolvimento cultural e humano.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram jovens de vinte e sete a trinta e seis anos de idade participantes do grupo, onde os critérios de inclusão se deram a partir da disponibilidade dos participantes e a quantidade de tempo que estão no grupo, em que foram escolhidos como amostragem de cinco para um universo de treze pessoas.

No que tange a coleta de dados foi realizado o uso do formulário, que nos possibilitou entrar em contato com o grupo para verificar a disponibilidade dos participantes em responderem as questões. A elaboração do formulário foi realizada com algumas indagações que respondessem ao proposto nos objetivos específicos, que foi executado junto à pesquisa com os artistas.

Realizamos o uso do formulário, mas optamos também pela observação direta e não participante, a qual realizamos a partir da autorização da instituição para fazer as visitas. A partir desta, observamos as ações e apresentações dos artistas para desenvolvimento e elaboração dessa pesquisa. No entender de Gil (2008, p. 119):

³ Disponível em: <http://institutogarajal.blogspot.com.br>. Acessado em: 14 de março de 2018.

⁴ *Clow*: Palhaço de circo, dotado de muita agilidade e comicidade.

A observação é considerada como método de investigação e se apresenta como elemento fundamental para a pesquisa, onde que essa prática se insere na pesquisa desde a formulação do problema, como técnicas auxiliares tivemos o diário de campo, gravador de voz e formulário, dos quais foram utilizados durante a convivência com os sujeitos participantes desse processo de estudo.

O estudo seguiu a resolução 502/15, que trata e regulamenta as diretrizes e normas que envolvem pesquisa com seres humanos. A entrada na instituição ocorreu mediante a apresentação do projeto de pesquisa, seguido do ofício de apresentação. Na ocasião da coleta de dados foi informado aos entrevistados a liberdade para participarem ou não no estudo, e que este seria assegurado aos participantes o anonimato de sua identidade. Somente após o esclarecimento de todos os processos é que o entrevistado (a) assinou o Termo de Consentimento.

É importante ressaltar que, os participantes não sofreram nenhum tipo de dano moral, social, intelectual, pois todas as informações coletadas foram mantidas em sigilo e serão expostas com autorização dos mesmos, respeitando-os como sujeitos participantes nesse processo de produção de conhecimento.

Baseando-se no percurso desenvolvido pela pesquisa, entendemos que para a sua compreensão, se fez necessário organizamos o mesmo em capítulos, em que serão expostos para um melhor entendimento da temática. Sendo assim, distribuímos o mesmo em três capítulos. No primeiro, trataremos “A construção do percurso metodológico”, exibindo o percurso desenvolvido para a sua elaboração, considerando a aproximação e a construção do objeto de estudo, o campo pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e os sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo abordaremos “Juventude e arte: o teatro como forma de expressão da realidade social”, por entendermos que a arte teatral é por muitas vezes, uma forma de demonstração real, em que jovens buscam mostrar um “ensaio” do que se vive em sociedade e, com isso, compreender os fenômenos sociais.

No terceiro capítulo, nomeado “As expressões do trabalho com arte no mundo do capital”, tivemos por objetivo conduzir o leitor a uma compreensão sob a percepção dos artistas sob o seu trabalho com arte na rua, assim como, buscamos evidenciar a importância e as dificuldades encontradas por esses artistas diante da execução deste ofício.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1. Aproximações com o objeto

A escolha do tema se deu a partir do quarto semestre da faculdade, quando tive⁵ a cadeira de pesquisa I, ocasião esta, em que foram fomentados diversos pensamentos a respeito do que se pesquisar. O desejo se intensificou ainda mais com o passar dos semestres, quando passei a estudar diversos autores clássicos e contemporâneos que traziam análises riquíssimas relacionadas a ideais políticos, conflitos de classes sociais, sociedade, capitalismo e mundo do trabalho. Então, a partir dessa experiência que meu olhar de pesquisadora se fixou diretamente nas relações de trabalho encontradas no meio social, e minhas reflexões foram se complexificando ao longo dos dias.

Como todo pesquisador (a) passei a analisar os fenômenos sociais do meu dia a dia, as ações que iam acontecendo no meu percurso de ida para faculdade e volta para casa, em que passaram a ser um tipo de objeto de estudo inicial.

A partir disso, comecei a observar o cotidiano dos trabalhadores “formais” do bairro onde moro que pegavam o mesmo ônibus que eu, tanto para ir até locais de trabalho, como para voltar para os seus lares; e, esse trajeto me levou a diversos pensamentos enquanto acadêmica, com um tão sonhado futuro profissional “beirando a porta”. Todos os dias os mesmos rostos fadigados e cansados, carregados de horas de labuta, tendo por consolo um breve instante em suas casas, para no outro dia voltar para os seus ofícios me faziam companhia, mesmo sem expressarmos nenhum tipo de contato.

Várias indagações me vinham à mente sempre me referenciando de pensamentos marxistas, como: alienação, trabalho mecanicista, horas de trabalho não pago, lucro, dentre outros. Nesse sentido, minha ideia era pesquisar sobre o mundo do trabalho, minhas perguntas sempre se resumiam em saber qual a real percepção sobre o trabalho para o ser humano. Foi em meio a esses conflitos internos que me deparei com uma ação que me saltou os olhos, as apresentações artísticas dos malabarismos nos semáforos, isso na volta para casa, que enquanto aqueles mesmos corpos cansados voltavam para suas residências, esses artistas

⁵ Peço licença ao leitor para usar o verbo na primeira pessoa, uma vez que trata da minha aproximação com o objeto de estudo.

expressavam sua alegria e autenticidade na rua, em apresentações rápidas, mas a meu ver profundas de identidades, e isso me inquietava porque se diferenciava da condição formal de trabalho que me era apresentada. Era algo que envolvia sentimentos, expressões de contentamento, e principalmente, trazia aquilo que os livros ainda não deram uma fundamentação científica, a significação desse ofício para esses sujeitos.

A partir de uma conversa informal com um acadêmico do curso de Serviço Social, descobri o trabalho do Grupo Garajal, e com essa descoberta, pude sondar suas ações através das redes sociais, e ao analisá-las percebi que os sujeitos da instituição desempenham um trabalho autêntico e muito subjetivo, repletos de significados e ideais educativos a serem desenvolvidos com o seu público, por isso trouxe como proposta estudar a problemática explicitada nos parágrafos anteriores junto aos os artistas de rua do grupo citado.

É de suma importância articular a temática arte com trabalho, e desta forma, enfatizar as diversas formas de trabalho encontrado no sistema capitalista, assim como, abordar a problematização e desvalorização do trabalho artístico frente às ideologias impostas pela classe dominante.

Com isso, foi a partir da disciplina de TCC II me preparando para fazer a pesquisa de campo, que decidi resumir o objeto e, assim, decidi o objeto dessa pesquisa que é: Compreender as percepções dos artistas de rua do Grupo Garajal acerca do trabalho com arte no Município de Maracanaú- CE. No tópico a seguir apresento-lhes como foi minha inserção em campo.

2.2. A inserção em campo e os sujeitos da pesquisa.

Como citado, o Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular, fica localizado na rua: 18 n° 119, Jereissati I no Município de Maracanaú- CE. A seguir apresentamos como procedeu a inserção em campo a partir das observações relatadas através do Diário de Campo:

Ao chegar a apresentação do Grupo Garajal, me deparei com uma população risonha e atenta no meio da rua em frente à sede do grupo, com a ajuda de um colega de faculdade conseguimos identificar por volta de 80 pessoas ao redor do grupo, uma parte estava sentada em cadeiras de plástico e outras optavam por assistir em pé mesmo, fomos recebidos pelo criador do Grupo, o Sr Maninho que nos ofereceu duas cadeiras para que pudéssemos nos aconchegar em meio a plateia e prestigiar a apresentação.

Os integrantes do Grupo que estavam a se apresentar estavam todos bem vestidos, com uma maquiagem bem elaborada, também não era para menos, o Garajal estava fazendo 15 anos de existência, e tinha por título de apresentação a obra de William Shakespeare “O bom que acaba bem”. Em meio a peça teatral percebi a exaltação da mulher, cantaram uma música que diz: “Juventude vermelha, rosa de sangue, rosa a florir, Helena mulher que pulsa”. Em outro momento tivemos um trocadilho, fazendo crítica ao atual presidente da república brasileira, onde uma das personagens fala para o outro personagem: “Não precisa temer a mim, TEMER JAMAIS!” (em caixa alta para enaltecer a eloquência usada nesse momento). Em um momento vi que uma senhora que estava com uma criança no colo ria muito, pois um dos personagens se vende por dinheiro, nesse justo momento, ela diz: “dinheiro é dinheiro né?”(risos). (DIÁRIO DE CAMPO, 15 /FEVEREIRO/2018).

O público presente dava uma “super” importância a encenação do Grupo Garajal, havia uma sintonia e uma conexão incrível entre a plateia e artistas, ali conseguimos visualizar o quanto respeitado é o movimento artístico na rua, possuidor de uma autenticidade e liberdade, das quais buscam fomentar pensamentos críticos a partir da interpretação dos teatristas. Ademais, temos o segundo momento onde exemplificamos no diário de campo a seguir:

Ao acabar o espetáculo, todos foram convidados a entrar na sede do grupo para participar de uma roda de conversa a respeito da construção da peça. Abrindo o diálogo tivemos o Sr. Maninho, falando sobre a proposta do grupo, que é pensar no coletivo, buscar através do teatro de rua jovens que estão a mercê da violência. Apresentou ao grupo o Produtor Xenoda que ajudou a produzir a peça junto ao grupo e é “cria” do grupo. Um dos integrantes ressaltou o desempenho do grupo, pois foi por cerca de um ano que eles estavam estudando e se dedicando, pois, a obra era muito complexa, o grupo possui mais mulheres e por isso buscaram trazer momentos que enaltecesse a importância da mulher para a sociedade... Não ficamos até o fim, por conta do horário que já se estendia, com isso nos despedimos e fomos embora. (Eu e meu colega citado no diário de campo acima). (DIÁRIO DE CAMPO, 15 /FEVEREIRO/2018).

Neste segundo momento, partimos da encenação para a reflexão da ideologia do grupo, assim como, o modo de como se procedeu a peça, e todo o tempo de estudo e dedicação para a apresentação da mesma. Com isso, pudemos analisar as etapas de elaboração, execução e finalização do espetáculo e o quanto árduo e complexo é para se chegar até a rua e desenvolver esse trabalho. A figura a seguir mostra um pouco de como foi o momento de atuação da obra literária de William Shakespeare “O bom que acaba bem”, no dia da primeira ida ao campo de pesquisa:

Figura 1 - Palco aberto "O bom que acaba bem"



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Apresentação em palco aberto com a peça teatral, “O Bom que acaba bem”, na figura acima, relatada no Diário de Campo, do dia 15 de Fevereiro de 2018 foi um momento exploratório, de chegada ao Grupo Garajal, que nos remeteu a diversas perguntas e questionamentos, os quais serão respondidos ou modificados de acordo com o andar da pesquisa. De acordo como Bertaux (2010, p. 67), a informação acontece:

Quando um estudante ou pesquisador se depara com um terreno desconhecido, seu primeiro reflexo será procurar por vários “informantes centrais” suscetíveis de lhe fornecer uma descrição de conjunto do objeto social estudado. Essas entrevistas não têm a intenção de “sucintas”, mas se deve ter cuidado e observar que o horizonte de percepção depende inteiramente da posição de onde se projeta o olhar... Alguns informantes fornecem descrições “vistas a partir do centro” e frequentemente, “vistas do alto”, isto é, de uma posição de poder [...].

Com isso, foram realizadas visitas periódicas ao Grupo Garajal, tanto para conversas, como para assistir as peças teatrais das quais eles apresentam, e a partir das visitas em campo foi possível verificar que os jovens artistas tinham por objetivo trazer tanto para a rua como para o Município um desenvolvimento cultural,

mostrando a força que arte de rua tem em influenciar pessoas para a mudança de vida, na busca por exaltação da cultura em combate a violência, as drogas e outras mazelas sociais.

Scherer (2013, p. 13) descreve, [...] “a arte como uma dimensão da vida humana que possui potencialidades, as quais podem ser articuladas, de modo estratégico, no desvelar da realidade e no fomento do pensar crítico de sujeitos na sociedade capitalista”.

Entende-se que pesquisar é a descoberta de novos conhecimentos, por meio de procedimentos e técnicas específicas, tendo como meta realizar aproximações constantes em torno da realidade. Trataremos do tema com as informações colhidas durante a pesquisa, que segundo Minayo (2001, p. 57), “pesquisa é a junção entre teorias, pensamentos e ações, na qual a teoria é a explicação parcial da realidade e desempenho de várias funções em relação ao estado do objeto de investigação, dando sentimento a ele”.

Aos vinte e seis dias do mês de março de dois mil e dezoito, comparecemos ao grupo para colher informações através das entrevistas com os integrantes do grupo. No entanto, só estava o fundador do grupo neste dia, dentro desse acontecimento, citamos que já havíamos nos preparado para tal devido à demanda do grupo. Apresentamo-nos com todas as perguntas formatadas em um roteiro que foi entregue em pastas com canetas e folhas para que pudessem responder, pedimos ao Fundador do Grupo que distribuísse entre os cinco mais antigos do grupo e que em alguns dias voltaríamos para coletar os roteiros, e desse modo procedemos. Cabe citar que devido a isso houve uma substituição de entrevista semiestruturada, por um formulário.

Depois de estabelecidos os critérios de seleção dos participantes, seguem seus perfis biográficos. Na busca por preservar a identidade original, utilizamos de pseudônimos que foram representados pelos nomes de palhaços e humoristas famosos do Brasil e do Ceará, que se destacaram e se destacam com a palhaçaria e o teatro.

Os nomes escolhidos para contemplar a pesquisa, foram: Bozo, Torresmo, Rocicléa, Aurineide Camurupim e Raimundinha.

Bozo tem trinta e dois anos, não possui outro ofício, tem carteirinha de artista e é filiado ao Sindicato dos artistas e técnicos em espetáculos de diversão do Estado do Ceará (SATED CE) e possui registro trabalhista. Completou o ensino médio, não

tem filhos, no início da sua carreira o teatro surgiu na sua vida através da escola, era uma pessoa tímida e percebia a importância de aprender a controlar isso. Quando começou o “projeto amigos da escola”, viu a oportunidade de começar. Deste mesmo modo, começou a fazer teatro em grupos de jovens da igreja do próprio bairro, no mesmo período deu início aos cursos ofertados pelo Grupo Garajal, onde passou a acreditar que é possível viver de arte. Bozo relata que o primeiro cachê foi pago com o salário da esposa do fundador do grupo. O mesmo é integrante do grupo há quinze anos, ama a palhaçaria, o trabalho de ator, a cultura popular e as palestras nas empresas.

Rocicléa tem vinte e sete anos, não possui outro ofício, ainda não tem carteirinha de artista, possui o ensino médio completo, tem dois filhos. A mesma relatou que, no início da carreira foi bem difícil, pela questão da instabilidade financeira, pois já tinha dois filhos e era divorciada. Ainda segundo o seu relato, afirma que: “Eu sofria pressão por parte dos familiares. Com o passar do tempo as coisas foram se encaminhando e está dando tudo certo”. Rocicléa está há quatro anos no grupo e gosta muito da parte circense.

Torresmo tem trinta e dois anos, além de artista propriamente dito, atua como Professor de teatro e produtor cultural, o mesmo possui carteirinha de artista, tem o ensino médio completo e não tem filhos. Começou a fazer teatro em 2002 com oficinas desenvolvidas no município de Maracanaú para ingressá-lo na Cia, no mesmo ano se engajou no Grupo Carrancas de Teatro. Em 2003, montou junto com outras pessoas o grupo Garajal em Maracanaú, onde teve bastante destaque como autor, possibilitando a atuação em diversos espetáculos, eventos, festivais de Esquetes (*Fecta*, Genesis, Chico da Silva, Bilu e Bila, Festival de Cabo Frio- RJ, entre outros), Festivais de Teatro (Festival Nordestino de Teatro, Festival de Teatro Popular de Fortaleza, Festival de Humor de Rio das Ostras, Festival Nacional de Teatro de Rua), cortejos e performances teatrais de rua. Recebeu indicações como melhor ator nos festivais de teatro Chico da Silva e festival esquete de Cabo Frio, foi indicado como ator coadjuvante na *web serie* Vidas Circulantes no Festival de Artes da Região de Lagos. Ganhou o prêmio de ator no festival de esquete Nacional do MORAH e festival de humor de Rio das Ostras - RJ. Torresmo está há quinze anos no Grupo Garajal, o que mais se identifica nas atividades do grupo é a parte circense e a palhaçaria.

Aurineide Camurupim tem vinte e nove anos, não possui outro de trabalho, é atriz, palhaça, musicista, tem sua principal pesquisa no Teatro de rua, sendo agora explorado por sua palhaçaria, ama o circo tradicional, utilizando suas técnicas para a rua tem carteirinha de artista, concluiu o ensino médio, tem filhos. No início da sua carreira foi apoiada pela família e por todos a sua volta, o que tornou tudo mais fácil. A citada diz que “as dificuldades de início são sempre as cobranças e as críticas”. Está há treze anos no grupo. Aurineide se identifica com tudo do grupo, se sente completamente Garajal, exerce as atividades de malabares, músicas, teatro, palhaço, maquiagem, figurino, adereços, máscaras, bonecos, dentre outros.

Raimundinha tem trinta e seis anos, além de artista do Grupo Garajal é Professora em um Projeto Social, possui graduação em Pedagogia e uma pós-graduação em arte-educação. Tem um filho. Iniciou sua carreira há vinte anos, cheia de sonhos para construir um mundo melhor, só estudava e tinha todo seu tempo livre para a arte, Raimundinha afirma que, “foi em uma época difícil para o artista, principalmente, em Maracanaú que não existia e nem existe políticas públicas para a arte”, complementou afirmando que as coisas melhoram por um tempo, mas que depois voltou tudo ao caos. Diante de tantos problemas encontrados no país atualmente, Raimundinha relata que está no Garajal desde o início, ou seja, há quinze atrás lutavam para serem reconhecidos. Identifica-se com todas as atividades do grupo.

A seguir apresentamos para melhor compreensão dos leitores um quadro que resume o perfil dos entrevistados:

Tabela 1 - Principais características dos artistas

| NOME | IDADE | TEMPO EM QUE PARTICIPA DO GRUPO | COMO PREFERE SER CHAMADO |
|---------------------|--------------|--|---------------------------------|
| Aurineide Camurupim | 29 | 13 anos | Lu Nunes |
| Bozo | 32 | 15 anos | Sudailson Kennedy |
| Raimundinha | 36 | 15 anos | Germana cavalcante |
| Rocicléa | 27 | 4 anos | Angélica |
| Torresmo | 32 | 15 anos | Arnaldo |

Fonte: Pesquisa de campo

Ao observar os dados apresentados podemos alinhar as informações. A faixa etária é de 27 a 36 anos. Todos participam do projeto há mais de cinco anos e independente de utilizarem uma identidade cultural, os mesmos preferem ser chamados pelo o nome de registro (o que nos foi autorizado citar).

Por seguinte, pedimos a autorização do Fundador do Instituto Garajal e Arte Popular para colher algumas de suas narrativas referentes à criação do grupo e outras informações que fossem surgindo ao longo da conversa.

Diante disso, o presente estudo buscará discorrer no subtítulo seguinte esses questionamentos.

2.3. Apresentações em lócus da pesquisa: Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular e sua história

A narrativa é de suma importância para a autenticidade da pesquisa, uma vez que, são enaltecidos acontecimentos únicos e significativos que vai para além das coisas prontas e acabadas, o que com isso, traz ao desenvolvimento do trabalho particularidades vividas no real, assim como, remete ao pesquisador profundas emoções e descobertas.

Bertaux (2010, p. 85) afirma que o pesquisador:

[...] aprenderá pouco a pouco a controlar os silêncios prolongados, as emoções fortes que acompanham a evocação de momentos dramáticos, as confidências sigilosas, os momentos de dificuldades de um e de outro. Esse tipo de entrevista é emocionalmente uma provocação: algumas vezes você sairá literalmente “esvaziado”. É necessário que a realidade afeta não só seu intelecto, mas seus nervos, sua sensibilidade para que ela possa abalar, mesmo em pequeno grau, os preconceitos e pressupostos que você traz no inconsciente.

A narrativa enquanto recurso da pesquisa foi utilizada no item a seguir para analisar como foi a construção do grupo, desse modo os dados coletados correspondem a história do Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular a partir das narrativas do Fundador Senhor Maninho (como prefere ser chamado). Vejamos a história a seguir:

No ano de 2003, existia uma Associação Teatral de Maracanaú em parceria com o PROARES (Programas de Apoio às Reformas Sociais do Ceará). Vinha uma verba para a Prefeitura capacitar jovens e adultos na parte cultural e a gente conseguiu que Maracanaú tivesse vários cursos como: acrobacias, malabares, confecção de máscaras, perna de pau, percussão,

montagem de teatro e direção teatral. Aí teve um espetáculo chamado: “A noite de verão”, que fazia parte dessa capacitação e a gente veio fazer os adereços aqui em casa, que era aqui vizinho, não moro mais aqui, ficou só o grupo. O grupo foi ficando, de repente surgiu a vontade de formar um grupo de teatro, tinham pessoas que não estavam em nenhum grupo e eu estava saindo de outro grupo, aí a gente montou o grupo Garajal, e assim não foi uma coisa pensada, começou a aparecer uns convites e a gente necessitava de um nome, fomos fazer uma conferência Latino Americana de educação de jovens e adultos e daí precisava de um nome para sair no food. |Garajal é um gradeado de madeira que leva galinhas, ou então aquelas alamedas das avenidas que cobre as árvores quando pequena, e minha vó também chamava garajal o local que ela guardava bagunça, guardava coisas velhas. Eu tinha um bar cultural em Fortaleza, fechei esse bar, aí quando comprei essa casa era uma serraria, a gente usava o espaço para guardar as mesas, então quando a gente fazia os adereços do espetáculo “A noite de Verão”, a gente fazia lá, aí pronto ficou Garajal, no começo era uma brincadeira, que agora tá dando muita dor de cabeça (risos). E assim surgiu o Garajal.

Mediante a narrativa do fundador, compreendemos que o surgimento do Grupo Garajal se deu de forma aleatória ao modo que se ia colocando empenho, estudo e prática da arte a partir das apresentações que iam sendo solicitadas, junto ao teatro de rua e das performances no município de Maracanaú-CE.

Com isso, percebemos a partir de um levantamento das vivências do Instituto Garajal e Arte popular, que o mesmo tem por objetivo trazer através do teatro de rua, o desenvolvimento cultural do Município de Maracanaú - CE, assim como, influenciar os jovens o gosto pela arte e pela palhaçaria.

Podemos observar que as peças teatrais têm posicionamentos políticos, gostos musicais, culturais dentre outros.

A seguir, veremos a fachada da sede do Instituto Garajal de Arte e cultura popular⁶, onde ressaltamos que a mesma foi cedida pelo Presidente e criador do grupo, logo, poderemos ver um espaço bem alegre e atrativo.

Vale salientar que é na sede do Grupo onde acontecem os ensaios das peças teatrais e as rodas de conversa após as apresentações do Teatro de rua, pois após cada apresentação, os integrantes se reúnem para analisar a apresentação, buscando melhorar a cada dia seu desempenho e a mensagem que querem passar ao público. A parte onde acontecem essas ações é de chão batido, com desenhos nas paredes.

⁶ Alguns dados sobre o Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular estão disponíveis no site:<
<https://grupogarajal.wordpress.com/>> Acessado em: 12/04/2018.

Figura 2 - Fachada da Sede do Grupo Garajal



Fonte: Arquivo pessoal do grupo Garajal.

Figura 3 - Peça teatral "Carolina"



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A peça teatral “Carolina”⁷, tem como temática a gravidez e a sexualidade na adolescência; esse espetáculo foi apresentado em muitas escolas, praças, postos de saúde, teatros e vários locais diferentes. É uma das primeiras peças que o grupo criou e que, recentemente, o Garajal trouxe aos palcos da rua novamente, devido à importância da temática e devido à peça ter um marco importante para eles.

A seguir veremos um dos projetos realizados pelo Garajal que é o Circo Alegria:

Figura 4 – Espetáculo “Circo Alegria”



Fonte: Arquivo pessoal do grupo

A apresentação “Circo Alegria” surgiu a partir da necessidade de ter um espetáculo de circo, onde se iniciou com o pedido do Centro Cultural Banco do Nordeste (BNB) e, após esse pedido, o grupo montou a peça e a apresentou por todo o Brasil.

A figura a seguir traz a encenação da peça “Romeu e Julieta”, um dos maiores clássicos da literatura mundial e, uma das obras mais emblemáticas de Shakespeare, onde o grupo elaborou uma adaptação livre da obra com linguajar cearense e, assim, trouxe ao teatro de rua.

⁷ Dados disponíveis em: <<https://www.facebook.com/GrupoGarajaldeTeatro/>> Acessado em: 12/04/18.

Figura V – Encenação nas ruas: “Romeu e Julieta”



Fonte: Arquivo pessoal do grupo

Deste modo, percebemos que o Grupo Garajal tem se destacado com seus inúmeros trabalhos junto ao município de Maracanaú e outras localidades e, assim, expandindo o pensamento artístico e dando a oportunidade de o público contemplar clássicos da literatura, e as apresentações circenses para além das lonas, concomitantemente caracterizando o humor em outras roupagens.

3. JUVENTUDE E ARTE: O TEATRO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA REALIDADE SOCIAL

3.1. Uma breve discussão conceitual sobre juventude.

Compreendemos, como Peralva (1997), que o tema juventude está ligado ao mesmo tempo, como uma condição social e um tipo de representação. Em uma determinada faixa etária, há um caráter universal dado pelas transformações ocasionadas pelo o indivíduo, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. É diversificada a forma de como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social lida com esse momento e o representam.

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não aprisionada a critérios rígidos, e sim, como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim pré-determinado, e menos ainda, como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Nessa direção, Melucci & Fabbrini, (1992) nos propõe outra forma de compreender a juventude. Para ele, existe uma sequência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. Nesse sentido, é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Ainda acerca da importância de entendimento da temática Juventude, buscamos compreendê-la por está fortemente articulada com as ações no meio social, e com as mudanças em sociedade. É de suma importância trazer uma breve discussão a respeito do seu conceito, em que é considerado por diversos autores

um tema complexo, difuso e repleto de complexificação. Diante disso, Diógenes (1998, p.274), fala que, “Ela representa o segmento que mais se define por suas práticas, por suas formas diversas de atuação e de experimentação do que mesmo por conceituações e referenciais estáveis e fixos”.

Assim, compreendemos que a juventude se remonta e se coloca em sociedade de várias formas, com papéis diversos com suas movimentações e atuações se colocando a partir de segmentos mútuos e objetivos oportunos. Segundo Diógenes (1998, p. 93):

Falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação. A juventude se constitui enquanto categoria social, no que tange a definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações [...].

Com isso, compreendemos a juventude como uma fase da vida humana, que de acordo a Lei nº 12.852/2013 do Estatuto da Juventude, são considerados jovens as pessoas com a idade entre quinze (15) a vinte e nove (29) anos de idade. No Brasil, de acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), temos uma estimativa de 51,6 milhões de jovens, onde que 20 % não trabalham e nem estudam, seja frequentando a escola ou fazendo qualquer tipo de curso de qualificação profissional. (IBGE, 2016).

Cabe citar que existem alguns autores, que definem o jovem para além de vinte nove anos e não o relaciona com conceito de idade, de acordo com o que é citado por Kehl (2007, p. 44) cita:

O conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 40, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva ó velhice ó, preferem o eufemismo terceira idade.

Mediante a isso, há uma vasta distinção sobre “o que é juventude”, mas podemos afirmar que os diversos conceitos procuram dispor de um olhar científico para evidenciar as realidades encontradas neste período da vida humana.

A juventude tem passado por diversas mudanças em seu contexto ao longo dos tempos, no século presente podemos notar fortemente a predominância do

individualismo, em que muitos jovens estão na busca por liberdade financeira, *status* e um bom emprego; em contrapartida, tal busca se dá devido às exigências encontradas no mercado de trabalho, que impõem a este grupo, experiências, qualificações em curtos períodos de tempo em um campo de atuação muito concorrido e mecanicista. Logo, a juventude perpassa por uma conceituação ambígua, permeada de interesses, culturas e classes que se divergem. Pais (2003), fala que o principal problema que afeta a juventude é a dificuldade de inserção no mundo do trabalho, ou seja, a falta de emprego. O que gera uma série de outros problemas de ordem econômica, social, familiar, entre outros.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve pela busca de qualidade de vida que este proporciona. Assim, presume que os jovens constroem determinados modos de ser jovem, que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares.

É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventude, para citar a diversidade no modo de ser destes jovens. Assim, compreender a juventude é antes de tudo um processo ambíguo, fomentadores de questionamento e conceitos que todo indivíduo passará em uma das suas fases de vida.

3.2. Um reflexo sobre a visão dos artistas de rua do Grupo Garajal referente ao seu trabalho com arte nas ruas de Maracanaú- CE

Falar do trabalho do artista de rua é conectar-se diretamente com o tempo e o espaço a ele apresentado, pois o teatro de rua é percebido, antes de qualquer coisa, como uma prática artística que busca através do encenar o desvelar de emoções, sentimentos e realidades. Sabe-se que o local onde acontece a ação, coloca sobre ele uma significação, pois faz deste, o seu local de trabalho. Assim sendo, Kosovski (2005, p. 9) retrata que:

Quando consideramos a ideia de uma demarcação espacial destina à cena, ao cênico- podemos aceitá-lo sumariamente como “o lugar que acontece a representação”. Esta definição pode ser compreendida denominador comum

de todo e qualquer tipo de representação, para qualquer espetáculo. (KOSOVSKI, 2005, p. 9).

De acordo com relatos do artista de rua Bozo do Grupo Garajal, o mesmo explica que:

[...] arte é toda forma ou meio de expressar sentimentos, desejos, ideais, opiniões, a arte é uma arma contra o sistema e também formadora de opiniões, considera totalmente o que faz como arte, através do teatro de rua busca expressar tudo e nada, por hora gritar suas angústias e alegrias, como também estar sem gritos, sem políticas e sem estética.

Associado a essa definição, segundo Azevedo (2007, p. 6),

A arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos é uma forma de comunicação.

O trabalho artístico quando expressado através de sentimentos, gestos e questionamentos, demonstra antes de tudo o interior dos sentidos, a fala escondida, a verdade que muitas vezes é mascarada, a crítica em meio ao riso. TORRESMO, fala que:

[...] a arte é um entendimento pessoal de forte impacto, seja como forma de investigação e também como forma de expressão de ideias e sentimentos, a arte representa um reflexo daquilo que foi e o que é tempo, podendo ser usada como espelho da história e cultura de um povo.

A arte é o meio pelo qual o homem transforma o mundo através do conhecimento, pois quando algum artista pratica a arte, ele pretende passar algo novo, suas ideias e pensamentos.

No entanto, o teatro de rua é uma arte que abarca um grande campo de possibilidades. A retomada da rua como espaço de representação, remonta a história do próprio teatro, o que sublinha o fato de que o edifício teatral como único lugar apropriado para o teatro é algo datado e desviante da própria essência da prática cênica. (COLLAÇO & SCHWALB, 2017)

Atualmente, nas ruas das cidades latino americanas, há uma variedade de práticas teatrais, que buscam expressar um movimento espetacular moderno, mas sobretudo, dinâmico, que formam um elemento fundamental para a compreensão dos discursos teatrais deste fim de século.

As manifestações de teatro de rua que observamos no Brasil estão diretamente relacionadas com os processos de criação de que cujas raízes se entrelaçam com o período final do regime ditatorial, durante a chamada etapa de transição democrática dos anos 80. Na visão de Carreira (2001, p. 89), “o teatro de rua é percebido, antes de mais nada como uma prática artística que se contrapõe aos discursos autoritários”, em que dessa mesma forma de apropriação do espaço urbano surge o interrogante de como os teatristas de rua se relacionam e se enfrentaram ao regime militar e aos discursos autoritários que predominaram no país nas décadas de 60, 70 e 80, e articularam a reconstrução das práticas criativas do teatro de rua no seio do novo regime político de signo democrático.

Ao analisarmos a fala anterior, reiteramos a força do teatro de rua, que vem desde o passar dos séculos fortalecendo suas raízes e se reestruturando conforme suas necessidades no meio social, incorporando novos ritmos e formas, mas sem perder o fundamento do ofício.

Nesse sentido, a rua incorpora uma importância para a atuação do artista, uma vez que, segundo Bozo, “no início era o simples fato de não termos um teatro físico na cidade, mas com o passar do tempo comecei a entender o ritmo da rua, sua estética, a energia, o improvável e fui me encantando”.

Contudo, a rua pode também se colocar como um lugar que aproxima o artista da plateia. Aurineide Camurupim, diz que: “O que leva a fazer arte na rua é exatamente estar perto do povo e compreendê-lo. É usar da minha voz para gritar por eles”.

Tendo como referência a fala da entrevistada e seu pensamento, podemos compreender que a eloquência da voz na encenação, busca através das potencialidades humanas, contestar em prol dos que estão marcados pela alienação imposta pela formação social capitalista, assim como, o de levantar a voz pelas camadas populares e os grupos vulnerabilizados, dos quais se enquadram também os artistas de rua.

A rua pode ser o lugar ideal para a exposição daquilo que se torna necessário e ao mesmo tempo emergente, uma vez que, não se tem capital para se construir uma estrutura física. A partir disso, Torresmo afirma que:

“A rua hoje para mim é um enorme palco, por sua rápida democratização, ela chega também como plano político com mais facilidade. Talvez no começo por conta de uma dificuldade de ter uma estrutura de palco italiano

na cidade de Maracanaú a rua tenha sido uma opção para poder expressar as necessidades artísticas. Mas depois de poder estudar, praticar e ter também a cultura popular como base de criação tive a rua não como uma necessidade, mas também uma opção, dando a devida importância que merece”.

O trabalho do artista de rua se coloca em uma postura de autenticidade e liberdade, em que o criador é possessor do seu próprio trabalho e tem a possibilidade de usufruir de toda sua criação, como também, tem a oportunidade de usar todas as qualidades que possui enquanto ser. Gubert e Gomes (2001) traz uma análise a respeito do trabalho do artista de rua e do trabalho nos modos de produção capitalista:

O trabalho se torna um esforço automático, parcializado, planejado desde a subjetividade capitalista dominante, discernindo-se de outras atividades que deixam de ser reconhecidas como trabalho nesse sistema. A arte nos parece ser a produção que melhor caracteriza uma saída singular para esta montagem alienante, na medida em que o artista, mesmo dentro de um contexto capitalista, dispõe de maior autonomia no que concerne à organização do seu trabalho. Pois, o saber e o fazer estão, não só presentes, como também unificados no ato da produção.

Indagações surgem ao se pensar na arte como um trabalho, uma vez que, ela não é geradora de mais-valia; no entanto, há de considerar este meio como um ofício, que atende as necessidades financeiras dos sujeitos que o compõem e, que apesar de não se enquadrar nas estruturas do capital, consegue ainda assim, garantir a subsistência e a essência humana.

Torresmo coloca dois destaques em relação à contribuição da arte no atendimento às necessidades financeiras: “existem dois pontos a ser colocado. A primeira, como forma da contribuição voluntária do próprio público através do chapéu e a outra é a venda do espetáculo de rua, seja ela para entidades e empresas privadas ou para editais culturais.”

Temos também a visão da Aurineide Camurupim em relação ao trabalho artístico e ao financeiro desta profissão. A mesma relatou-nos que: “Não tenho dúvida do quanto qualquer arte pode mudar o meio social, mas é muito difícil ser artista quando se trata de financeiro, principalmente, quando se tem uma família para criar”.

A partir dos relatos entendemos a necessidade da garantia de direito a este público, pois apesar de enaltecerem a essência, nem sempre conseguem subsidiar as necessidades integrais do ser nesta sociedade capitalista.

O trabalho executado pelo artista de rua se torna um trabalho essencial no que diz respeito a mudanças no meio social, em que busca através da arte, desconstruir pensamentos conservadores e fortalecer os movimentos populares e as raízes da cultura popular. Bozo considera que, “a arte faz toda a diferença numa sociedade. Eu a coloco no mesmo patamar da educação, pois conheço inúmeras histórias de mudanças de ex-aluno envolvido com tráfico de drogas; enfim [...]”. O mesmo encerra sua análise citando um trecho da música a seguir:

Como posso saber a minha idade
Se meu tempo passado eu não conheço
Como posso me ver desde o começo
Se a lembrança não tem capacidade
Se não olho pra trás com claridade
Um futuro obscuro aguardarei
Mas aquela semente que sonhei
É a chave do tesouro que eu tenho
Como posso saber de onde venho
Se a semente profunda eu não toquei? (TAVARES e SIBA, 1998).

Considerando as estrofes acima como uma análise interior do próprio artista, entendemos que o mesmo consegue expressar suas emoções e pensamentos a partir do cântico. A música soa muitas vezes o dizer que está escondido nas entrelinhas da fala.

Diante aos aspectos analisados, a arte de rua tem por objetivo usar do espaço público para expor um trabalho alegre e cheio de reflexões um tanto crítica, como educativa, que tem por proposta intensificar as raízes culturais através das expressões corporais, habilidades circenses, musicais e cognitivas, dentre outros.

Considerando que vivemos em uma sociedade marcada pela sociabilidade do capital é oportuno discorrer sobre a categoria trabalho e, como a arte se enquadra nesse campo diverso permeado de interesses que a todo instante se divergem no meio social. Com isso, esse assunto será tratado no capítulo a seguir.

4. AS EXPRESSÕES DO TRABALHO COM ARTE NO MUNDO DO CAPITAL

4.1. Análises sobre a categoria trabalho

O homem é visto como um ser que cria sua própria subsistência através do seu trabalho, e através desse, se faz um ser peculiar, porque além de ter consciência individual interna, é o único ser que possui consciência de gênero, pois necessita de relações sociais para realizar sua essência, pois a vida individual só se tornou possível devido à existência prévia da vida coletiva.

Assim, não há possibilidade de separação entre espécie humana e gênero humano, pois foi a mediação da ação conjunta dos homens que possibilitou o viver individual, conseqüentemente, é da natureza do homem dominar a natureza em conjunto com seus semelhantes. Marx, (2004, p. 85), diz que: “na elaboração do mundo objetivo (é que) o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Na elaboração do mundo objetivo (é que) o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico.”

A peculiaridade encontra-se na maneira de como o homem se comporta enquanto ser social e, sobretudo, como se dirige ao objeto e, a partir deste, cria-se sempre novos objetos, gerando novas necessidades. Essa capacidade de extrair algo a mais da natureza, além do que essa lhe proporciona de uma forma consciente, faz com que o homem se diferencie dos animais. Visto que,

[...] o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; (no animal) o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência das espécies à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de quaisquer espécies, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (MARX, 2004, p. 85).

A atividade humana possui uma infinita gama de sentidos, tendo uma capacidade de desenvolver coisas previamente no seu consciente antes de realizá-la, ou seja, “[...] quanto mais os homens se afastam dos animais mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão”. (ENGELS, 1975, p.70)

Portanto, o trabalho foi se constituindo como elemento articulador e

fundamental no processo de produção de novos instrumentos e signos, proporcionando novas capacidades humanas e um desenvolvimento superior, assim como, uma maior distinção ontológica entre o ser social e o mundo da natureza.

Dentro desse contexto, o trabalho foi à condição determinante para a humanização, ocasionando, posteriormente a modificação do cérebro, bem como dos órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. (ARAÚJO e SANTOS, 2011, p. 4)

Podemos dizer que o trabalho é histórico e, socialmente, a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos (VÁZQUEZ, 2011). Neste sentido, Marx entende a arte como um desdobramento do trabalho (FREDERICO, 2005), pois as duas atividades – arte e trabalho – fazem parte da objetivação das suas necessidades humanas.

O trabalho representa a objetivação do ser humano enquanto ser genérico, no entanto, esse trabalho toma outras roupagens nos ditames capitalistas, que de acordo com Marx (2016, p. 211),

o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ela se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado.

O autor afirma, então, que o trabalho é antes de tudo:

[...] é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimento as forças naturais de seu corpo [...].

Dentro desse contexto, o trabalho, que segundo Marx é categoria fundante do ser social, afirma-se e coloca-se como um ofício que independe da estrutura social apresentada, logo, é uma categoria pertencente ao homem, no qual garantirá a sobrevivência humana em sociedade.

Ao analisarmos a utilização da força de trabalho no sistema capitalista, Marx expõe reflexões sobre o modo de como se dá essa relação entre trabalhador e detentores dos meios de produção como podem ver a seguir:

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a, fazendo o vendedor dela trabalhar. Este, ao trabalhar, torna-se realmente no que antes era apenas potencialmente:

força de trabalho em ação, trabalhador. (MARX, 2016, p.211).

A relação de trabalho expressa por Marx no livro “O Capital”, traz consigo apontamentos a respeito das interações antagônicas no sistema capitalista, no qual se coloca através das lutas de classes, tensões sociais, interesses divergentes, intensificação das desigualdades sociais dentro do processo produtivo que se insere o produtor direto, como também, as suas diversas implicações nas relações em sociedade.

No mundo do capital, diversas formas de trabalho foram se firmando e com isso, intensificando e mascarando a exploração e a alienação do trabalhador de forma gradual e estrutural. No entender de Giovanni Alves (2010), várias formas de ofício postas em sociedade, propiciam tanto a precarização do trabalho como a precarização do próprio trabalhador enquanto ser genérico. Para tanto, vejamos a seguir:

[...] salientamos a precarização do trabalho não apenas na dimensão do trabalho enquanto força de trabalho como mercadoria, mas sim, a precarização do trabalho na dimensão do homem que trabalha enquanto ser humano-genérico capaz de dar respostas ao movimento do capital. [...]. (ALVES, 2010, p. 2)

A exaustiva carga horária imposta aos trabalhadores juntamente com a deliberação de baixos salários reafirmam e intensificam a crise estrutural do capital, como também, reduzem a vida cotidiana desses sujeitos ao simples trabalho assalariado. Giovanni Alves (2010, p.3), afirma que:

[...] A nova precariedade salarial, ao alterar a dinâmica da troca metabólica entre os espaço-tempo de vida e espaço-tempo de trabalho, em virtude da “desmedida” da jornada de trabalho, corrói o espaço-tempo de formação de sujeitos humano-genéricos, aprofundando, deste modo, a auto alienação do homem que trabalha. Nesse caso, transfigura-se a cotidianidade de homens e mulheres que trabalham, com a redução da vida pessoal à mero trabalho assalariado [...]

Para ampliar a discussão sobre trabalho é cabível trazer a análise de Antunes e Alves a respeito das novas formas de trabalho do qual abrange todas as especificações da classe trabalhadora, quando diz que:

[...] incorpora tanto o núcleo central do proletariado industrial, os trabalhadores produtivos que participam diretamente do processo de criação de mais-valia e da valorização do capital[...] e abrange também os trabalhadores improdutivos, cujo trabalhos não criam diretamente mais-valia, uma vez que são utilizados como serviço, seja para uso público, como

os serviços públicos, seja para uso capitalista. Podemos também acrescentar que os trabalhadores improdutivos, criadores de anti-valor no processo de trabalho, vivenciam situações muito aproximadas com aquelas experimentadas pelo conjunto dos trabalhadores produtivos. [...]. ANTUNES; ALVES, 2004, p.342)

Cabe salientar que as diversas metamorfoses no mundo do trabalho fortalecem as próprias estratégias do capital e, com isso, desarticula e fragmenta a totalidade no sentido coletivo da classe trabalhadora, gerando de forma gradativa novas formas de manipulação, alienação e exploração de uma classe sobre outra.

No entender de Madeira e Gomes (2013, p. 103),

o desafio está em entender a centralidade do trabalho mediante as transformações ocasionadas pelo capitalismo, o desafio teórico e intelectual coloca-se em desvendar o real, a essência que encobre a aparência dos fenômenos na contemporaneidade comandada pelo sistema capitalista.

Complementando essa discussão Dutra (2013, p. 3), afirma que:

Vivemos numa sociedade onde muitas pessoas procuram divulgar, apresentar e vender o seu trabalho de forma autônoma e livre, utilizando o espaço público urbano como o local mais indicado para isso. Desta forma, aqueles que praticam a arte urbana como meio de sobrevivência encontram, naturalmente, seu maior público.

A partir de um olhar contemporâneo sobre o trabalho e sobre sua essência, Antunes (2013), aponta que uma vida cheia de sentidos, não se resume a uma mera função trabalhista, uma vez que, o homem necessita enquanto ser, desempenhar outras funções, sejam elas culturais, artísticas e esportivas, das quais o possibilita transcender em sua completude.

Com isso, ainda segundo Antunes (2011, p. 143):

Dizer que uma vida cheia de sentido se encontra numa esfera de trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente dizer que uma vida cheia de sentidos se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um complemento absurdo. Na busca de uma vida cheia de sentidos, a arte, a poesia, a pintura, a literatura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade, tem um significado muito especial.

Assim, compreendemos que a vida humana em seu sentido unilateral, independentemente das formas complexas das quais se colocam as relações sociais entre as classes emergentes no sistema capitalista, depende de outras funções para garantir sua condição natural enquanto homem em sociedade. Em complemento as análises estudadas seguiremos com a discussão sobre o trabalho artístico.

No entender de Leal (2011), o trabalho artístico feito na rua é culturalmente confundido com delinquência e vandalismo, visão que é partilhada pela sociedade e pelos governos. Essa visão preconceituosa cria uma relação de conflito e tensão, e às vezes desumana, entre a força do Estado e esses profissionais. A seguir, veremos a visão do público que assiste o trabalho do Grupo Garajal. Nas palavras de Bozo veremos a visão dele sobre o seu público:

Nossa! Bem difícil essa. É bem relativo, depende muito do tipo de pessoa, mas vou focar no público da Rua 18 a rua da nossa Sede. No início do grupo as pessoas nos viam como um grupo de adolescentes que estava passando o tempo livre fazendo “teatrinho”, em outros momentos nos via como adolescentes que aproveitavam o espaço para fazer farras, com o passar do tempo começaram a nos ver como profissionais que são importantes para a cidade.

A esse respeito, Raimundinha acrescenta: “Acredito ser bem visto, mas como em tudo na vida, não dá para agradar a todos. Para algumas pessoas a rua ainda é uma fase para chegarmos a globo. Eles não entendem que a rua é uma opção”.

Ao analisarmos a fala de Raimundinha, conseguimos ver a importância que a mesma dá para a rua, pois a cita como opção para execução do seu trabalho e, logo percebemos que fazer arte na rua faz todo sentido para ela.

Com isso, entendemos que este meio de trabalho desperta nos artistas sua própria condição de ser humano, do qual é dotado de habilidades e escolhas, e que tem a possibilidade de criar, recriar e aperfeiçoar sua criação, além de trazer significado para sua própria existência, pois há o reconhecimento de si próprio no trabalho produzido.

Portanto, compreendemos que as formas pela qual esse trabalho é encarado pela sociedade é o resultado de uma construção criada historicamente a partir das ideias de estruturação de um meio social, que se baseia em um modelo de trabalho lucrativo e internalizado nos ditames capitalistas, dos quais se difere da condição de ofício desses sujeitos.

Analisando os relatos dos artistas, cabe salientar, que todos consideram a arte como um trabalho, como cita a Rocicléa: “(...) dedico horas do meu dia em prol disso e ainda ganho como qualquer outro trabalho. A diferença é que tenho tanto prazer em fazer que nem parece trabalho”.

Os artistas de rua mostram entusiasmos em suas respostas, apresentando assim, um olhar diferenciado para a questão trabalho. A arte é vista por eles como

um modo de expressão de ideias, sentimentos, opiniões, desejos e um aproximar do social.

A Arte é resultado de uma força constante entre o social e o individual e está ligada com a identificação do indivíduo com seu mundo, mostrando sua capacidade de percepção do mundo que o circunda. Segundo Read (2001), diz que a arte está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento.

Portanto, os artistas buscam criar com o objetivo de exteriorizar o seu pensamento, ampliando ainda mais sua capacidade de percepção do mundo. A arte está ligada a essência humana, conseqüentemente o homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz essa necessidade de humanização. (VÁZQUEZ, 2011)

Contudo, trabalho e arte, portanto, é a criação de uma realidade em que plasmas finalidades humanas, o trabalho com predomínio de uma carência prático material e a arte com predomínio da atividade cognitiva. A utilidade da obra artística depende de sua capacidade de satisfazer não uma necessidade material determinada, mas a necessidade geral que o homem sente de humanizar tudo o que toca e de se reconhecer no mundo objetivado por ele.

Em outras palavras, a arte é a expressão do homem em face não apenas da necessidade física, imediata, instintiva, mas também em face de necessidades humanas que possuem um caráter prático unilateral. (VÁZQUEZ, 2011)

Em virtude dos fatos mencionados, compreendemos a categoria trabalho como um campo vasto, que busca atender as necessidades do homem, sua forma independe de sistema, pois faz parte da condição humana.

Em meio a isso, por articularmos a visão de arte e trabalho nesta pesquisa, acreditamos ser de suma importância abordar o contexto de arte como um ofício em meio ao capital no tópico a seguir.

4.2. A arte como trabalho na sociabilidade do Capital

A estrutura pela qual se rege a sociedade nos moldes capitalistas, coloca sobre as relações sociais e sobre as pessoas, costumes que tendem a desestruturar o ser enquanto ser genérico, pois impõe sobre o homem necessidades que outrora era alheia a ele. Nesse sentido, segundo lamamoto (2010, p. 48):

Na sociedade burguesa, quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais as relações sociais de produção se alienam dos próprios homens, confrontando-os como potências externas que os dominam. Essa inversão de sujeito e objeto, inerente ao capital como relação social, é expressão de uma história da auto alienação humana.

Complementando o que foi citado, em uma análise profunda das raízes que se fundam o sistema capitalista, podemos inferir que em cada remonte do capital, se coloca em uma nova roupagem diversas formas de expressão da questão social, onde se amplia as formas de trabalho, a exploração, as desigualdades sociais e a redução dos direitos sociais. Deste modo, lamamoto (2010, p. 54), cita que:

O capital, em seu movimento de valorização, produz a sua invisibilidade do trabalho e a banalização do humano, condizente com a indiferença ante a esfera das necessidades sociais e dos valores de uso. Potência exponencialmente as desigualdades inerentes a essa relação social, as quais são hoje impensáveis sem a ativa intermediação do Estado capitalista e das políticas econômicas e sociais implementadas. Ampliam-se, ao mesmo tempo, as fissuras e contradições entre as classes e o espectro de suas lutas, acrescidas de disparidades de gênero, geração, etnias, regiões e meio ambiente, que, enraizadas nas particularidades nacionais, impõem novas determinações históricas à produção e reprodução das relações sociais.

É nessa estrutura do capital que se encontra o trabalho do artista de rua, em que esses trabalhadores buscam através da arte, garantir o seu sustento, assim como, executar seu ofício com as propriedades essenciais do ser humano, onde envolve a sua subjetividade, seus interesses e gostos internos e externos que vai para além de trabalho nos ditames capitalistas.

Diante a isso, podemos dizer que devido às características singulares deste ofício, as análises de como o público vê esse trabalho pode se colocar em diversas opiniões. A esse respeito vejamos a seguir a fala de Torresmo:

Acho que a compreensão das pessoas para o trabalho apresentado passa por algumas esferas: O público que vê o trabalho hoje pela primeira vez; As Pessoas que acompanham desde o crescimento do grupo; E as que estão mais próximas, como, amigos e familiares. Mas de uma forma geral o trabalho é levado com respeito.

Acho que hoje, por conta da experiência que adquirimos ao longo do tempo, o trabalho é feito com um pouco mais de acabamento técnico, podendo ser de fácil identificação um profissionalismo, seja em seus figurinos, adereços, cenários e outros. Quando começamos contávamos com o pouco recurso financeiro, talvez para algumas pessoas éramos mais um grupo de jovens, em sua grande maioria sustentados pelos pais, que se reuniam para brincar de fazer teatro, até alguns amigos e familiares, não via uma seriedade e talvez pensando que era “oba-oba”, mas como acreditávamos naquilo que fazíamos e fazíamos com amor, seja teatro, palhaço ou técnica circense, essa verdade chegou em algumas pessoas que viram o potencial e

qualidade do grupo, fazendo com que aos poucos o grupo começasse a andar com suas próprias pernas e também pudesse ser visto como trabalho. Apresentando para aqueles que duvidassem que poderíamos viver da nossa arte.

Com isso, podemos analisar de que forma se coloca a visão do que é o trabalho do artista de rua para muitos na sociedade do capital. De acordo com o relato de Aurineide Camurupim (2018), a mesma na sua fala diz que:

É nítido perceber um olhar diferente daquele que queremos. O artista por estar sempre disposto a possibilidades, corporais, artística sempre é tachado como “livre demais”, aqueles que não busca trabalho. Mas o que é o trabalho? É está 10 horas por dia numa empresa? Nós ficamos 24 horas pensando e vivendo arte. Buscando compreender como atingir melhor outros públicos.

Numa visão Marxista podemos dizer que a arte é como uma forma de objetivação humana, assim como o trabalho, é a forma primordial e essencial do contato do homem com o mundo, de que têm origem as formas e pensamentos cotidianos (TONET, 1997). Assim, o artista, também é visto como ser social, determinado pelas circunstâncias históricas em constante processo de transformação, que segundo Frederico (2005, p. 17), “[...] a arte é atividade, é realização progressiva da essência humana; é, ao mesmo tempo, distanciamento e ação transformadora da natureza”.

A arte, embora seja um ato de objetivação, assim como o trabalho, não se restringe apenas a criação de objetos úteis, mas também a criação de objetos concretos sensíveis. Estes expressam ideias e sentimentos humanos, que representam a capacidade que o homem tem de materializar suas forças essenciais. Assim:

Arte e trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana, isto é, por ser a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que falam dele e por ele. Entre a arte e o trabalho, portanto, não existe oposição [...] [porém, há diferenças, uma vez que] o trabalho se encontra sujeito à mais rigorosa necessidade vital, ao passo que a arte é a expressão das forças livres e criadoras do homem. [...] A semelhança entre arte e o trabalho, que tem suas raízes na comum natureza criadora de ambos, não deve nos levar a desfazer a linha divisória que os separa. Os produtos do trabalho satisfazem determinada necessidade humana e valem, antes de mais nada, por sua capacidade de satisfazê-la [...]. (VÁZQUEZ, 2011, p. 61)

Portanto, a arte possibilita ao homem o desenvolvimento de atividades por meio da criação artística, no caso, o teatro de rua, onde o mesmo pode expor seu

poder de criação exibindo como o homem age no mundo. Assim, as manifestações artísticas possibilitam ao homem um espaço onde ele possa expressar ideias que estão fora do entendimento da linguagem, utilizando representações e signos, podendo expressar e interferir na realidade por meio de seu pensamento, demonstrando sua realidade e concretizando aspectos do sentir humano, ou seja, o homem pode, por meio da arte, representar o universo coletivo das relações sociais e também o universo compreendido pelo subjetivismo individual.

Deste modo, a arte possibilita ao homem ampliar e enriquecer sua capacidade de expressão e comunicação, potencializando o enriquecimento do desenvolvimento humano e concomitantemente caracterizando-o como trabalho, por meio de suas apresentações.

Portanto, a arte pode ser considerada como um ofício que enaltece o homem genérico em meio a um sistema que exclui essa condição humana, uma vez que traz liberdade e dar condições que completam o a originalidade do homem em sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que fora apreciado no trabalho monográfico, observa-se o quão é importante articular a temática arte e trabalho, uma vez que, o exercício do fazer artístico pode ser considerado um ofício e que emerge de forma contrária a dinâmica do capital, resgatando a essência do homem, explorando-o em suas melhores potencialidades e sentidos no seu fazer profissional.

É de suma importância trazer a futuros debates temas transversais a este que são discutidos e necessários para o público pesquisado ao longo do estudo, tais como: juventude, direitos sociais e políticas públicas.

Dentro do contexto desta pesquisa, no que diz respeito às percepções dos artistas de rua acerca do seu trabalho com arte, foi plausível compreender que é possível viver da arte, especialmente do teatro de rua, uma vez que, esse ofício nasce da vontade interior do artista, antes mesmo de uma necessidade financeira, que mesmo com todas as dificuldades encontradas ao longo da carreira, o trabalho artístico consegue subsidiar as despesas diárias destes profissionais, que além de alimentarem suas subjetividades no palco aberto, chamado rua, consegue garantir seu meio de vida.

A desvalorização do trabalho artístico se dá pela forma de como se coloca as estratégias do capital de desarticular profissões que se contrapõe ao seu regime de interesses, uma vez que, mediante as muitas lutas, tentam através do teatro, dos espaços públicos e da rua, reivindicar seus interesses e direitos que são desfragmentados e diminuídos pelo próprio sistema.

Conseguimos através do estudo de campo notar a seriedade do trabalho que o Grupo Garajal tem desempenhado, sempre com temas que possui relevância social e com objetivo de destacar a importância dos grupos vulnerabilizados e, intensificar o fazer cultural da cidade e até mesmo do Brasil.

Com a criação do Grupo Garajal, foi possível entender através de relatos do seu fundador, o desenvolvimento cultural do município e a expansão dos espetáculos em empresas, que substitui palestras formais pela apresentação dos teatristas.

Em seguida, abordamos uma breve discussão sobre juventude, que mostra a diversidade neste tema e que é importante por estar ligado aos sujeitos participantes

da pesquisa; no entanto, o foco maior do estudo são as percepções dos artistas, mas sem deixar a temática como contributiva de forma significativa para o trabalho de conclusão de curso.

No decorrer do estudo, conseguimos analisar a visão do artista de rua do Grupo Garajal a partir das narrativas coletadas, referente ao trabalho com arte e de que forma se apresenta a visão do público, quais os objetivos a serem alcançados e qual a significação do teatro de rua para além do teatro formal.

Com isso, destacamos a luta dos teatristas para garantir seu espaço na rua e o quão importante é desempenhar este ofício em meio às interações antagônicas do capital.

Ressaltamos que, contextualizar a categoria trabalho incluindo o artista de rua, desperta no leitor a importância deste ofício, como também desmistifica a ideia do trabalho artístico como um *hobby*, destacando o teatrista como um profissional de potencialidades, senso crítico com pertencimento político e cultural.

Propomos articular a fala de autores que discutem trabalho e arte de rua juntamente com a visão dos pesquisados do Grupo Garajal, a fim de analisar a teoria com a prática concreta do ato e, a partir disso, analisarmos contextos e opiniões que se condensam com a realidade de cada tempo.

Deste modo, observamos a necessidade de estudos nesse campo da arte de rua, visto que, é um assunto emergente e merece um olhar de pesquisa para que se fundamente e dê voz ao público artístico.

Na inserção em campo, percebemos de perto a importância do teatro de rua e o quanto a arte modifica realidades, fomenta a desconstrução de conceitos, abre espaços, desenvolve potencialidades, traz mudanças significativas para o meio social, insere novas realidades, confronta de perto conflitos de classes sociais e busca através do teatro, argumentar direitos sociais e criticar construtivamente a efetivação de políticas públicas para este ofício.

Em sua forma contemporânea conseguimos analisar a arte de rua como um meio de vida, que a todo instante se condensa com as formas de trabalho complexas e contraditórias ao sistema capitalista, uma vez que, se agrupa a classe- que-vive-do-trabalho, os tidos como produtivos e improdutivos, termo esse usado por Ricardo Antunes para exemplificar as mutações ocasionadas à classe trabalhadora.

Portanto, consideramos que a arte de rua emerge em meio às contradições encontradas no sistema capitalista, assim como, tantas outras profissões que

mesmo caminhando de forma oposta ao capital, consegue se firmar e se direcionar em busca da expansão e valorização dessa carreira, na perspectiva de garantir a mudança do meio social e ao mesmo tempo, garantir a reprodução nesta sociedade dos artistas de rua.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório - O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha**. Disponível em: <http://www.giovannialves.org/Artigo_GIOVANNI%20ALVES_2010.pdf>. Acesso em: 11/03/2018.

_____. **Trabalho e mundialização do capital**. 2 ed. São Paulo: Práxis, 1999.

ALVES, Giovanni; ANTUNES, Ricardo. **As Mutações no Mundo do Trabalho na era da Mundialização do Capital**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em: 10/11/ 2017.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo, 2013.

ARAÚJO, A. C. B.; SANTOS, D. **A arte na estética marxista: Contribuições preliminares ao debate sobre formação humana**. Trabalho publicado no V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, educação e emancipação humana. 11, 12, 13 e 14 de abril na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis – SC – Brasil, 2011.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: 6.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. **Reflexões sobre o conceito de Teatro de Rua. Teatro de Rua: olhares e perspectivas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em ciências sociais**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop**. Annablume, 1998.

DUTRA, Janice J. **Arte de Rua**. Disponível em: <http://especializandovencedores.com.br/uploads/arquivos/ceea85f8b7bf26bbaf99ef2efc90e1ea.pdf>>. Acesso em: mar 2017.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Afrontamento, 1975.

FREDERICO, C.; SAMPAIO, B. A. **Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GIL, Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Renata; MADEIRA, Zelma. **Trabalho, Práxis e Serviço Social**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S141449802013000100010>. Acesso em: nov. 2017.

GUBERT, Andréa.; KROEFF, Lucimara R. **Versões sobre o trabalho na rua: significações na relação do retratista com sua arte**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932001000100010009. Acesso em: mar 2018.

IAMAMOTO, Marilda. **Serviço em tempo de capital fetiche**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma da cultura**. In Novaes, R.; Vannuchi, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

KOSOVSKI, Lidia. **A casa e a barraca. Teatro de Rua: olhares e perspectivas**. Rio de Janeiro: E-papers, p. 8-19, 2005.

LEAL, Vinícius. A lei da rua. Disponível em: <https://artistasderuamao.wordpress.com/esta-edicao/artigo/>. Acessado em: abril d 2018.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. **O Capital**. 34ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **O Capital**. São Paulo: Centauro, 2004.

MELUCCI, A., FABBRINI, Anna. **L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Feltrinelli, 1992.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NÉSTOR, Garcia. **A Sociedade sem relato**. São Paulo: EDUSP, 2012.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PERALVA, Angelina. **Juventude e contemporaneidade**. *Revista Brasileira de Educação*, v.5 1997.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHERER – WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHWALB, Loren Fischer; COLLAÇO, Vera. **O ATOR NO TEATRO DE RUA**
Reconstrução do imaginário cênico em espaços públicos: O Grupo de Teatro
Menestrel Faze dô, de Lages/Santa Catarina, 2017.

SEGNINI, Liliana R. **Criação rima com precarização: análise do mercado de**
trabalho artístico no Brasil. Disponível em: [http://idanca.net/wp-](http://idanca.net/wp-content/uploads/2008/03/liliana.pdf)
content/uploads/2008/03/liliana.pdf. Acesso em: maio 2018.

SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter.** 14ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico.** 23ed. São Paulo: Cortez,
2007.

TAVARES, B; e SIBA. **Fui à na casa de Cabral.** Intérprete: Mestre Ambrósio.
Chaos/Sony, 1998.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: Edufal, 1997.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx.** Tradução: Carlos Nelson
Coutinho. 3ª edição. São Paulo: Expressão popular, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

1. Para você o que é arte?
2. Você considera o que faz como arte?
3. Você busca expressar algo com o teatro de rua?
4. Em sua opinião como é que as pessoas veem o trabalho que vcs fazem?
5. O que te leva a fazer arte na rua?
6. Para você a arte gera mudanças no meio social?
7. Você considera o que faz como um trabalho?
8. Como a arte de rua contribui para atender as suas necessidades financeiras?

PERFIL BIOGRÁFICO

1. Qual o nome você gosta de ser chamado?
2. Qual sua idade?
3. Possui outro ofício?
4. Tem carteirinha de artista?
5. Qual sua escolaridade?
6. Tem filhos
7. Como foi no início da sua carreira?
8. Há quanto tempo está no Grupo Garajal?
9. Com o que mais você se identifica nas atividades do Grupo Garajal?

ANEXOS**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: _____ desenvolvida por _____. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por _____, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) _____. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é _____. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, _____ de _____ de 201 _____

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura da testemunha:
